

# Diálogos Uaupesianos: notas sobre diferentes olhares para os povos do Uaupés

Diego Rosa Pedroso<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo, SP, Brasil  
*E-mail:* diegoforever2000@yahoo.com.br

Danilo Paiva Ramos<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, SP, Brasil  
*E-mail:* danilo.ramos@usp.br

## Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre os diferentes pontos de vista a partir dos quais antropólogos como Irving Goldman (1963), Stephen Hugh-Jones (1973), Christine Hugh-Jones (1977) e Peter Silverwood-Cope (1972) descreveram e desenvolveram modelos analíticos para refletir sobre os povos do Uaupés amazônico. O foco incide sobre os referenciais teórico-metodológicos que embasam seus trabalhos monográficos. O que permite mostrar como um “olhar boasiano” e um “olhar leachiano” vão se constituindo e marcando o modo como a etnologia pensa as sociedades do Uaupés amazônico.

**Palavras-chave:** Teoria Antropológica. História da Antropologia. Organização Social. Região do Uaupés. Povos Tukano. Povos Maku.

## Abstract

*The article focuses on the different analytical models developed by Irving Goldman (1963), Stephen Hugh-Jones (1973), Christine Hugh-Jones (1977) and Peter Silverwood-Cope (1972) to describe the people in the Uaupés region. We try to show how the different theoretical and methodological approaches like the “boasian view” and the “leachian view” have become important perspectives of ethnologic reflection about the Uaupés Region.*

**Keywords:** *Anthropological Theory. History of Anthropology. Social Organization. Uaupés Region. Tukano Peoples, Maku Peoples.*

## I Introdução

No meio de uma palestra de Edmund Leach, Alfred Gell entrega uma charge a seu colega Stephen Hugh-Jones. O desenho feito por Gell mostra um Leach casamenteiro no meio de um canal. Num lado francês do canal, encontra-se uma noiva relutante denominada: Claude Lévi-Strauss. Do lado inglês, uma série de noivos funcionalistas como Fortes, Radcliffe-Brown, Goody, dentre outros, segurando as mãos e expressando horror. Esse episódio é lembrado por Stephen Hugh-Jones (2008) em uma fala intitulada: *“A courtship but not much of a marriage. Lévi-Strauss and British Americanist Anthropology”*, feita em homenagem a Lévi-Strauss a pedido da *Société des Américanistes*. Nas tentativas de arranjar esse “casamento”, seriam justamente os alunos de Leach: Stephen e Christine Hugh-Jones e Peter Silverwood-Cope que viajariam ao Noroeste Amazônico para, etnograficamente, entender as possibilidades e os limites dos escritos do antropólogo francês.

Além desses três pesquisadores, e muitos anos antes, em 1939, Irving Goldman, então aluno de Franz Boas na Universidade de Columbia, se dirigiu ao Noroeste Amazônico, especificamente ao rio Cuduiarí, afluente do Uaupés, na Colômbia, para pesquisa visando a realizar um estudo das *tipologias sociais e padrões de cultura* na região. Esse propósito estava de acordo com a antropologia proposta por Boas e, mais especificamente, com a leitura que Ruth Benedict, outra pesquisadora da Universidade de Columbia, fazia da antropologia boasiana, na qual foi educada. Outra orientação teórica, portanto.

Diante desse quadro, surgiu a proposta de iniciar uma reflexão sobre os diferentes pontos de vista que foram definindo perspectivas a partir das quais antropólogos como Irving Goldman (1963), Stephen

Hugh-Jones (1979 [1973]), Christine Hugh-Jones (1979 [1977]) e Peter Silverwood-Cope (1990 [1972]) descreveram os povos do Uaupés, no Noroeste Amazônico. Concentrar-se-á, neste artigo, nos trabalhos preliminares desses autores em meio a suas pesquisas etnográficas sobre os povos da região que tiveram curso nos anos de 1960 e 1970. Tomar-se-á como referência principalmente as monografias produzidas a partir dos longos períodos de trabalho de campo, algo que dota essas produções de especial interesse para a literatura etnológica da região, que, até então, tinha como principais referências os relatos e as notas de viajantes e de missionários e as descrições de alguns etnógrafos como Koch-Grünberg (2005 [2009]).

Procurar-se-á, assim, enfocar as bases teórico-metodológicas que orientaram esses pesquisadores, no sentido de iluminar alguns aspectos epistemológicos marcantes da produção etnológica sobre os povos do Uaupés. Trata-se, portanto, de iniciar um trabalho de recuperação e de reflexão acerca dos conceitos e modelos teóricos que balizaram as investigações conduzidas na região<sup>3</sup>.

## 2 Terra Incognita

No region of the South American Tropical Forest can claim greater anthropological interest than any other. The entire area of the two great river basins, the Orinoco and the Amazon, is still an anthropological terra incognita. (Goldman, 1963, p. 1)

Com essas palavras, Irving Goldman abre a introdução de sua monografia pioneira sobre os Cubeo. De fato, é apenas a partir de meados da década de 1970 que a etnologia da Amazônia indígena inicia um crescimento sem precedentes (Viveiros de Castro, 2002, p. 319). É a partir desse momento que “[...] muitas sociedades foram pela primeira vez descritas segundo padrões técnicos aceitáveis [...]”, e que “[...] algumas delas foram estudadas por sucessivas levadas de pesquisadores, oriundos de diferentes tradições teóricas” (Viveiros de Castro, 2002, p. 319). Antes disso, a região era ainda “an anthropological terra incognita”. Diante desse quadro, qual era a situação específica da região do Uaupés?

O histórico de contato dos povos indígenas dessa região com os brancos remonta ao século XVI. Goldman (1948, p. 768-769) indica que as primeiras referências ao rio Uaupés, sem descrição dos povos que o habitavam, encontram-se em Hernán Pérez de Quesada (in 1538) e Phillip von Hutten (1571)<sup>4</sup>. O estabelecimento das primeiras missões religiosas data do século XVII. Contudo, é somente a partir de meados do século XIX e XX que vários viajantes, destacando-se naturalistas e etnógrafos, passaram pela região do Uaupés (Cabalzar, 2009). Os relatos e estudos legados por esses estudiosos constituem um conjunto de fontes bastante heterogêneo,

Abarcando desde os autores que permaneceram por pouco tempo até os que se internaram durante anos na região, desde aqueles sem nenhum preparo para a observação etnográfica até os grandes investigadores, que primaram pela perspicácia na análise e pelo cuidado nas descrições. (Cabalzar, 2009, p. 69)

Dentre esses estudiosos, os trabalhos mais conhecidos são os de Alfred Russel Wallace (1905[1853]), considerado por Goldman (1948, p. 768) como o autor da “earliest detailed account of Indians of the Rio Negro and Vaupés river”; Ermano Stradelli (1890); o botânico Spruce (1908); H. Coudreau (1887); de T. Whiffen (1915); e “the best and most detailed published accounts of Northwest Amazon culture” (Goldman, 1948, p. 769): os trabalhos de Theodor Koch-Grünberg (2005 [1909]); e, por fim, Curt Nimuendaju (1927). Entretanto, a despeito da riqueza de dados e observações, esses etnógrafos/naturalistas não produziram “[...] análises sistemáticas da organização social dos grupos habitantes [...]” do Uaupés (Cabalzar, 2009, p. 69). Irving Goldman, que realizou sua pesquisa de campo em 1939-1940, foi o primeiro a levar tal empresa a cabo, estudando os Cubeo do Cuduiarí, afluente do Uaupés. A monografia de Goldman sobre essa população indígena foi publicada apenas em 1963. Antes disso, em 1948, ele preparou um artigo sobre a organização social do Uaupés para o *Handbook of South American Indians*, onde apresenta parte dos dados desse campo. Nesse sentido, foi um pesquisador pioneiro que “[...] propôs a primeira síntese mais exaustiva da organização social de um grupo lingüístico do Uaupés [...]” (Cabalzar, 2009, p. 77), a primeira e “[...]”

only scientific monograph on any tribe of the Colombian Northwestern Amazon” (Reichel-Dolmatoff, 1967, p. 58), ou ainda, “The first modern ethnography of Tukanoan peoples, the book is still considered a seminal contribution to Amazonian studies and a splendid example of ethnographic writing” (Jackson, 2003, p. 155). Nas palavras do próprio Goldman,

The modern period in Vaupés studies began, I suppose, with my own fieldwork (1939-1940, 1968, 1969-1970, 1979) and writing about Cubeo, a Tukanoan tribe, with its focus upon cultural configurations that reflected native concepts of a natural order. (Goldman, 1981, p. 383)

Contudo, essa quase ausência de pesquisas na região começa a mudar a partir do final da década de 1960. Com efeito, “[...] a small but steady stream of anthropologists were already heading for Amazonia, with a heady mix of Castañeda, Ché Guevara, and Lévi-Strauss in Mind” (Hugh-Jones, 2004, p. 405). Esses antropólogos se dirigiram ao Uaupés<sup>5</sup> colombiano, uma região, na época, particularmente atraente, e isso por duas razões (Hugh-Jones, 2004). A primeira delas diz respeito ao apelo feito por Reichel-Dolmatoff, em 1967, aos pesquisadores “[...] to come and work on the region’s many different ethnic groups, an appeal given added weight by the rich cosmology revealed in his book on the Desana (1968)” (Hugh-Jones, 2004, p. 405). A segunda razão se deve aos trabalhos de Goldman no Noroeste Amazônico, sobre os Cubeo (1948; 1963).

Na década de 1960, Reichel-Dolmatoff (1968, p. 7-19) faz um estudo que designa uma “etnologia de emergência” visando à realização de um levantamento rápido e pouco custoso de temas que foram deixados de lado pelos estudiosos que haviam se dedicado à reflexão sobre os povos da região até aquele momento. Baseado em entrevistas com um único informante desana, realizadas em Bogotá, Colômbia, o antropólogo busca descrever o simbolismo, a adaptação ecológica e as características tradicionais da estrutura religiosa e valorativa dos Desana. Segundo ele, tal metodologia justificava-se pela inexistência de financiamento e pelo desinteresse aparente da etnologia no estudo dos povos da região. Algo que o levou a escrever um informe

na década de 1960 “[...] llamando a la comunidad etnológica, para estudiar las tribus de la región, pues la aculturación o, mejor dicho, la destrucción cultural de estas sociedades avanzava inexorablemente” (Reichel-Dolmatoff, 1968, p. 22). Assim, ainda que de modo muito diferente ao da obra monográfica de Goldman, os escritos e a militância de Reichel-Dolmatoff acabam tendo um impacto positivo já que, como ele mesmo menciona, nos anos de 1970, grupos de etnólogos oriundos de diferentes regiões e meios intelectuais dirigem-se ao Uaupés e transformam-no num “[...] punto focal de las investigaciones antropológicas selváticas, no sólo en Colombia sino en toda la región amazónica”. (Reichel-Dolmatoff, 1968, p. 25)

Essa nova geração de pesquisadores era composta por antropólogos de países e orientações teóricas diversas. Stephen Hugh-Jones, Christine Hugh-Jones e Peter Silverwood-Cope, alunos de Edmund Leach em Cambridge, se dirigiram ao Noroeste Amazônico no final da década de 1960. Como escreve S. Hugh-Jones (2008, p. 21-22):

In one sense Christine and I were sent by Leach to look at Lévi-Strauss's work empirically. In other words, part of our project was take a critical look at *Mythologiques* using data collected specifically for that purpose in the field. So, in our fieldwork and in our books we focused on familiar themes like space, animals, houses, mythology, etc.

Além desses pesquisadores orientados por Leach, também se dirigiram à região pesquisadores orientados pelo próprio Lévi-Strauss, como é o caso de Patrice Bidou, que iniciou sua pesquisa entre os Tautydo do Pira-Paraná, em dezembro de 1968, e permaneceu em campo até dezembro de 1970, retornando para uma segunda fase de pesquisa entre agosto de 1973 e agosto de 1974. Sob a orientação de Reichel-Dolmatoff, Marcos Fulop realizou estudos na década de 1950 sobre os Tukano, enfocando, em seus artigos, a mitologia e o parentesco. Com interesses semelhantes aos de Fulop, Alfonso Torres Laborde trabalhou com os Barasana no ano de 1969 e publicou em 1971 suas transcrições de mitos e notas sobre rituais.

Entre os anos de 1971-1973, o antropólogo norte americano Thomas Langdon (1975) pesquisou os Barasana e os Taiwano enfocando o sistema médico indígena a partir do estudo das restrições alimentares e

das técnicas de cura. Kaj Århem, pesquisador da Universidade de Uppsala, chegou ao Uaupés colombiano em outubro de 1971 para realizar pesquisa entre os Makuna (1981), interessado, particularmente, no tema da organização social. Dominique Buchillet realizou seu campo entre os Desana, sob orientação de Henri Lavondés, entre agosto de 1980 e outubro de 1981. Em 1981, a tese de Pierre Yves-Jacopin, *La parole generative*, um estudo sobre a mitologia Yukuna, propõe uma abordagem do mito alternativa ao estruturalismo lévistraussiano, buscando enfocar os modos de transmissão, expressão e integração da palavra mítica à vida cotidiana e cerimonial. Jean Jackson, pesquisadora do MIT (EUA), chegou ao Uaupés em 1968, inicialmente com o propósito de estudar crenças e práticas relacionadas à doença e cura entre os Tikuna, Sul do Uaupés, mas devido a uma série de dificuldades no campo, ela acabou desenvolvendo uma pesquisa sobre a estrutura social dos Tukano, mais especificamente, sobre a estrutura social de uma comunidade Bará, na aldeia de Pumanaka buro (1983). Reichel-Dolmatoff (1968), por sua vez, iniciou sua investigação sobre os Desana em 1966. O estudo resultou num trabalho focado no tema da mitologia e do simbolismo (1968).

Por fim, não se pode deixar de incluir nessa breve apresentação de alguns dos principais pesquisadores que passaram pela região do Noroeste Amazônico o trabalho de Janet M. Chernela (1993[1983], p. xv), que afirma: “[...] my choice to study in the Northwest Amazon was inspired by the excellent ethnographies of Irving Goldman and Gerardo Reichel-Dolmatoff (no other monographs existed at the time), and the articles of Kaj Arhem, Christine and Stephen Hugh-Jones, Jean Jackson, Pierre-Yves Jacopin, and Arthur Sorensen [...]”, e que realizará seu trabalho de campo junto aos Wanano, grupo Tukano, tendo como foco da pesquisa investigar a natureza do *sistema de ranks* encontrado nessa região.

Em linhas gerais, esse é o quadro de algumas investigações conduzidas na região. Em relação a esse quadro, nos interessa particularmente pensar o lugar dos trabalhos de Irving Goldman, aluno de Boas, e o grupo de alunos de Leach: Stephen e Christine Hugh-Jones, e Peter Silverwood-Cope. Esses etnólogos foram contemporâneos, e seus



trabalhos constituem um complexo tecido de referências e apropriações. Nossa aposta é que explorar esse tecido dialógico, num exercício de crítica etnográfica, pode fornecer elementos para pensar a relação entre pesquisa etnográfica e referencial teórico-metodológico, dado que, como pano de fundo, há duas grandes tradições da antropologia: a norte-americana, na pessoa de Franz Boas, e a britânica, na pessoa de Leach e na sua leitura particular de Lévi-Strauss.

### 3 Padrões de Cultura no Uaupés

A partir de seu trabalho de campo realizado com o povo Cubeo do rio Cuduiarí, entre 1939 e 1940, Irving Goldman (1983, p. 22) elabora sua monografia “*The Cubeo*” (1963), trabalho que, segundo Jackson, “[...] pode ser considerado como a primeira etnografia moderna sobre um povo do Uaupés [...]”, ou ainda, segundo Cabalzar (2009, p. 69), o primeiro estudo sistemático da organização social de um grupo indígena dessa região. Isso se deve ao fato de que, como aponta o próprio Goldman nas primeiras linhas de sua monografia, a região do Uaupés constituía na época uma “terra incógnita”, isto é, uma região da América do Sul que, apesar de ser povoada por centenas de povos, era pouco conhecida pela antropologia; região que necessitava, portanto, de pesquisas sistemáticas e aprofundadas. Nesse sentido, seu estudo pretende apresentar um modelo de sociedade para os Cubeo em termos de sua *estrutura social* e de seus *padrões de cultura* básicos, buscando descrevê-los como um *tipo cultural e social* particular, e fornecer bases para a comparação com outras sociedades.

Esse propósito de Goldman de descrever os *padrões culturais*, e estabelecer uma *tipologia cultural e social*, nos permite formular as seguintes questões: qual o referencial teórico-analítico mobilizado por Goldman? E de que maneira esse referencial se atualiza no Noroeste Amazônico? Ao desenvolver essas questões, é possível ver em Goldman a ressonância de muitas teses e noções de Franz Boas. Explicitar essa relação constitui, portanto, o escopo da presente sessão, a qual, em última análise, é um comentário da tese de Wilson sobre os trabalhos de Goldman (2004, p. xix): “What can be extracted is a modern but faithful version of the theoretical ideas that implicitly guided Boas’s

own work, but which he did not express". Além disso, ao desenvolver essas questões, veremos que Goldman foi particularmente influenciado por certa leitura de Boas: trata-se da leitura empreendida por Ruth Benedict.

Apesar de não pretender fazer biografia pensa-se, entretanto, que uma breve incursão pela trajetória acadêmica de Goldman e por sua inserção institucional no momento da elaboração da primeira monografia sobre os Cubeo se faz oportuna para situar o leitor sobre a apropriação goldmaniana<sup>6</sup> de conceitos e princípios analíticos desenvolvidos por Boas<sup>7</sup>. Após concluir sua graduação no Brooklin College, em 1933, Goldman ingressou na Columbia University, instituição onde foi aluno de Boas (Shenn; Schwartzstein, 2002; Crauderueff, 2008). Obteve seu PhD em antropologia no ano de 1941. Antes da publicação de sua monografia sobre os Cubeo, Goldman publicou três outros trabalhos: *The Alkatcho Carrier of British Columbia*, sua tese de final de curso (1940); dois artigos (1940; 1948) dedicados aos povos habitantes da região do Uaupés-Caquetá onde Goldman apresenta parte dos dados coletados no seu trabalho de campo junto aos Cubeo nos anos de 1939-1940. Esses dados serão depois publicados de modo mais detalhado e sistemático em *The Cubeo*. Por fim, *The First Man* (1955), livro didático sobre a história do desenvolvimento do ser humano.

Segundo Wilson (2004, p. xix), os trabalhos de Goldman representam "[...] an implementation of many of Boas's ideas about anthropology, in particular about ethnography, and the methods by which it should be pursued". Entretanto, não basta destacar tal fato, pois se, de algum modo, Goldman foi influenciado por Boas, é em seus trabalhos antropológicos que deveremos buscar os sinais dessa influência. Sendo assim, passa-se ao exame da monografia de 1963<sup>8</sup>.

A monografia *The Cubeo: Indians of the Northwest Amazon* está organizada em 13 partes: uma *Introdução* e mais 12 capítulos, sendo que o capítulo 12 é uma conclusão em que Goldman apresenta as principais noções e conceitos da monografia de forma sistemática e sintética. Dada nossa proposta aqui ser a de pensar as bases epistemológicas que dirigiram o tratamento dos dados etnográficos, propõe-se ao leitor, como estratégia, recuperar, em linhas gerais, essa "conclusão", e concentrar nossa atenção no seu exame.

A *Conclusão*, designada *Principles and Patterns*<sup>9</sup>, começa apresentando uma crítica à noção de “sociedade simples” (“simple society”). Ora, a complexidade das observações feitas por Goldman (1963, p. 273), em sua etnografia, mostra que “[...] the term ‘simple society’ does little justice to the variety and intricacy of social relationships and of patterns of thought”. Tal constatação leva Goldman a afirmar a dispensabilidade das velhas etiquetas para identificar o verdadeiro estado de coisas, etiquetas essas tanto mais dispensáveis quanto mais se estuda os povos. Essa crítica à noção de “sociedade simples” traz consigo também uma mudança no próprio foco da antropologia: trata-se, a partir de agora, de uma ênfase não mais apenas descritiva, mas antes analítica de uma sociedade. Segundo Wilson (2004, p. xix):

[...] thought Boas refused to theorize or generalize about his material or admit that there were theoretical assumptions that guided his work, not even fieldwork on the scale carried out by Boas and his assistant George Hunt can avoid the matter of selection. You simply cannot record everything you see, nor can you suppose that informants have told you everything they know or can remember. You have to select, and to select you have to have criteria, whether you know it or not. So, as Karl Popper affirmed, all data is “theoretical impregnated”. There is a sense in which Goldman, when making known his own assumptions, extracted and elaborated the theoretical assumptions made by Boas.

Mas o que significa essa ênfase analítica? “In the analytical account the concern is with the *structure of relationships*, that is, with the more fundamental principles and patterns of *social behavior*” (Goldman, 1963, p. 273-74, grifo nosso). Significa, por fim, que a Antropologia Cultural busca uma caracterização de *tipos culturais* distintos. Sendo assim, quais *princípios e padrões mais fundamentais do comportamento social* Goldman identifica entre os Cubeo? O antropólogo identificará quatro princípios: o princípio de *vinculação e autonomia* (“linkage and autonomy”); o princípio de *relações laterais e hierárquicas* (“Lateral and hierarchical relationships”); o princípio de *facilidade de fissão* (“fissility”); e, por fim, o princípio de *polaridade – complementaridade* (“Polarity – complementarity”)<sup>10</sup>.

Após enunciar esses *princípios* da sociedade Cubeo, Goldman faz uma discussão do conceito de *padrão* (“pattern”). Ora, o que é um “*padrão geral*”? Segundo Goldman (1963, p. 283), “[...] the concept of pattern is a hypothetical construction base upon calling of attention to analogies or parallelisms”. O método de construção de um *padrão* é, principalmente, intuitivo e a demonstração de sua validade é, em grande parte, “matter of presenting a credible argument” (Goldman, 1963, p. 283). Apesar disso, afirma Goldman, o conceito de *padrão* não pode ser dispensado, pois se trata de uma ferramenta sem a qual a análise de uma cultura corre o risco de apresentar sérias distorções. O propósito de uma construção teórica que apresenta a cultura em termos de um *padrão* que inclui o todo é o de proporcionar as bases apropriadas para uma tipologia cultural mais sofisticada que a que já possui a antropologia.

Após essa breve síntese da *Conclusão* da monografia, cabe responder a seguinte questão: qual a influência de Boas na etnografia de Goldman? Dentre os vários pontos de confluência entre Boas e Goldman destaca-se aqui apenas dois.

Um primeiro ponto importante de confluência entre esses antropólogos pode ser visto na *concepção geral da etnografia* de Goldman. Segundo Wilson (2004), Boas “himself refused to theorize or prescribe a method for ethnography or for anthropology in general “[...] himself never attempt to write about theory as something apart from the ethnographic work he pursued” (Wilson, 2004, p. xix). Isso pode ser confirmado na introdução da monografia sobre os Cubeo, onde ele nos diz que:

[...] the theoretical position of a study is best understood from what the writer does with the material. What he claims to be doing with it is far less important. My own theoretical viewpoint will emerge from the text [...]. (Goldman, 1963, p. 23)

Um segundo ponto de confluência entre esses dois antropólogos que balizou a pesquisa de Goldman diz respeito ao *lugar do método histórico*. No artigo “*os objetivos da pesquisa etnológica*” (2004 [1889]), Boas sustentou a importância do método histórico, cuja aplicação se baseia

num território geográfico pequeno e bem definido, e suas comparações não são estendidas além dos limites da área cultural que forma a base de estudo. O que se viu foi Goldman afirmar a necessidade da perspectiva histórica para falar dos Cubeo (Goldman, 1963, p. 292), situando sua pesquisa no contexto do Uaupés, em que ocupariam uma subárea cultural do Noroeste Amazônico. (Goldman, 1963, p. 5)

Destaca-se, portanto, alguns aspectos da influência de Boas no trabalho de Goldman. Entretanto, volta-se à *Introdução* de sua monografia em que Goldman deixa claro o que lhe interessa buscar na sociedade Cubeo: “[...] my purpose is to present the Cubeo in terms of fundamental principles of social structure and in terms of basic cultural patterns” (Goldman, 1963, p. 23). A quem, além de Boas, essa preocupação de Goldman remete? Ora, segundo Wilson (2004, p. xxii), “[...] ‘patterns’, ‘principles’, ‘systems’ and ‘characteristic modes’ are part of the vocabulary of the ‘Benedictine’ version of Boas’s anthropology”. Trata-se, portanto, de Ruth Benedict, “that ‘the mother figure of the department’ at Columbia” (Wilson, 2004, p. xx), aquela que formulou a noção de *padrão cultural*, discutida extensamente por Goldman na conclusão de sua monografia. A influência de Benedict pode ser vista nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, no modo como Goldman desenvolve sua pesquisa, isto é, considerando a cultura Cubeo como um todo articulado, tal como sugere Benedict (1959, p. 38). Em segundo lugar, a influência fica mais patente na importância que Goldman concede à *noção de padrão de cultura*<sup>11</sup>, importância essa também enfatizada por Benedict (1959, p. 40). Como se pode ver, a partir da imersão na sociedade Cubeo, Goldman extrai os *princípios de sua estrutura social* e, por fim, propõe um *padrão para a cultura Cubeo* (lembre-se: “*Principles and patterns*”, já anunciava o título do capítulo final da monografia de Goldman). Um roteiro benedictiano, portanto.

Por fim, que o leitor permita mais algumas considerações. De-seja-se destacar a importância, na economia dessa primeira monografia de Goldman, do conceito de *comunidade*, central para entender a constituição de um modelo de sociedade e natureza em sua obra, pois, através desse conceito, o antropólogo descreve as relações sociais e suas conexões com os fatores físicos locais, com a economia e com a cultura material. A *comunidade* seria formada pelos moradores de

uma maloca, ocupando dado território ao longo de um rio e mantendo relações com as outras comunidades situadas ao longo do rio com as quais forma uma *fratria* (Goldman, 1963, p. 28). Goldman (1963, p. 43) ressalta que “[...] within a community, the only fully established patterns of behavior are those of fraternity”. Assim, próximo à perspectiva boasiana, o conceito de comunidade ajuda Goldman a descrever os contornos de um *ethos* cubeo. Para Overing (1991, p. 16), Goldman mostra como para os Cubeo a organização social e política dependem da criação cotidiana de moral alto entre os membros, e não de leis, regras e corporações. A produção depende da criação de um moral alto através do qual sejam fortalecidas relações de harmonia e cooperação (Overing, 1991, p. 14). Nesse sentido, uma forte lateralidade e uma fraca hierarquia caracterizariam os Cubeo, devido à flexibilidade na formação de novos laços e no reestabelecimento de antigos. Enquanto as estruturas fortemente hierárquicas estariam baseadas na dependência à autoridade de um segmento de alto ranque, o ranqueamento de *sibs* entre os Cubeo conferiria prestígio, mas não poder, tendo maior significado ritual que político, apesar de serem os altos ranques favorecidos quanto aos direitos de acesso a partes privilegiadas dos rios (Goldman, 1963, p. 279). Para Goldman (1963, p. 284), “The Cubeo *ethos* seems to be based upon the doctrine of harmonizing each particular mode of emotional expression with an appropriate social activity”. Seria no “manejo do humor” (*mood management*) que se encontraria a *homeostasis* social, o equilíbrio que permitiria a continuidade do sistema cultural (relações e interações padronizadas) através das gerações. (Goldman, 1963, p. 287)

Em sintonia com uma perspectiva boasiana, a ambição de seu trabalho estava, por um lado, em descrever profundamente a estrutura das relações sociais, e os princípios e padrões fundamentais do comportamento social, por outro, em traçar as bases para caracterizar tipologicamente as culturas da região, permitindo os estudos comparativos<sup>12</sup>. Descola (2005, p. 112) define da seguinte maneira essa perspectiva “boasiana”:

Reprise et élaborée de façon plus systématique par ses disciples, la perspective boasienne va former la matrice de l’anthropologie nord-américaine et définir durablement

son orientation “culturaliste”. Dans cette seconde définition, “culture” se décline au pluriel, comme une multitude de réalisations particulières, et non plus au singulier, comme l’attribut par excellence de l’humanité; la gradation des peuples selon leur proximité à l’Occident moderne est supplantée par un tableau synchronique où toutes les cultures se valent; l’universalisme optimiste des théoriciens de l’évolution cède la place à un relativisme de méthode centré sur l’approfondissement monographique et la révélation de la richesse Du singulier; l’accent téléologique se déplace de la foi dans le progrès continu des mœurs au présupposé que chaque culture tend à sa conservation et à la perpétuation de son *Volksgeist*.

Portanto, para Goldman (1963, p. 274) faltaria à Antropologia Cultural a caracterização de *tipos culturais distintos*, tanto quanto a caracterização generalizada de *Cultura* ou *Sociedade*. Nessa busca de *tipos* e de *padrões culturais*, dentro de uma determinada área geográfica, enfim, residiria a essência da pesquisa antropológica.

#### 4 Entre Leach e Lévi-Strauss

Em 1968, S. Hugh-Jones e sua esposa C. Hugh-Jones viajaram para a região do Pirá-Paraná, no Uaupés colombiano, para iniciar suas pesquisas etnográficas sobre os Barasana, povo Tukano. No mesmo período, Silverwood-Cope iniciou sua pesquisa de campo entre os Bara, povo Maku da mesma região. Os três jovens etnógrafos de Cambridge participavam de um projeto dirigido por Leach e financiado pelo Social Science Research Council que visava a suprir o “*gap*” do pouco conhecimento etnográfico da Antropologia Britânica sobre os povos das chamadas terras baixas. Para além desse “*gap*” estava a crescente influência da obra de Lévi-Strauss para o chamado neoestruturalismo britânico que tinha em Leach, Douglas e Needham seus maiores expoentes.

Como mostra Kuper (1978), tal influência é exercida inicialmente nos debates no campo dos estudos de parentesco que contrastavam a teoria da aliança proposta por Lévi-Strauss e a teoria da descendência. No campo dos estudos sobre sistemas de classificação e mitos, os trabalhos de C. Lévi-Strauss também tiveram desdobramentos importantes

sobre as análises de Douglas e Leach. No caso desse último, a apreensão de uma concepção de sociedade como um sistema de comunicação permitiu a busca por entender a estrutura dos sistemas de comunicação como um todo, onde mensagens (mulheres, bens, símbolos de *status*) eram trocadas. Entretanto, da perspectiva de Leach, as trocas em sociedade eram adaptadas às circunstâncias políticas e sociais, e o interesse incidia sobre determinados sistemas sociais. Nas palavras de Kuper (1978, p. 205):

Leach afastou-se de Lévi-Strauss ao argumentar que as formas de troca em sociedade, sobretudo o sistema de escolhas matrimoniais, eram adaptadas a circunstâncias políticas e sociais. [...] Essa ênfase refletiu o interesse primordial de Leach, que não era em universais psicológicos mas em determinados sistemas sociais.

Supõe-se que parte desses “determinados sistemas sociais” fossem as sociedades do Noroeste Amazônico onde haviam sido realizadas poucas pesquisas etnográficas. Além disso, como Leach (1973) ressalta, é no curso de suas “viagens brasileiras” que Lévi-Strauss elabora boa parte de suas observações etnográficas de fundamental importância principalmente para as análises que faz de sociedades ameríndias. Ao estilo malinowskiano, realizar investigações antropológicas com trabalhos intensivos de campo era uma forma de experimentar os alcances e limites da proposta estruturalista a partir da observação de sociedades particulares, e particularmente interessantes para a análise estrutural levistraussiana. Nas palavras de Leach (1973, p. 10):

A maior parte dos que atualmente se intitulam antropólogos sociais, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, afirmam ser ‘funcionalistas’; de um modo geral, são antropólogos no estilo e tradição de Malinowski. Em contraste, Claude Lévi-Strauss é um antropólogo social na tradição de Frazer – mas não ao seu estilo. A sua preocupação básica consiste em estabelecer fatos que sejam verdadeiros a respeito de ‘a mente humana’, mais do que apurar a organização de qualquer sociedade ou classe de sociedades. A diferença é fundamental.



Orientados por Leach, o casal Hugh-Jones desenvolveu pesquisa de campo entre setembro de 1968 e dezembro de 1970. Como conta S. Hugh-Jones (1979), dentre os objetivos de seus trabalhos estava o exame da relação simbiótica entre os povos Tukano e Maku, sendo estes últimos estudados por Silverwood-Cope. Um segundo objetivo era oferecer um teste empírico às grandes generalizações que Lévi-Strauss estabeleceu ao relacionar a estrutura da mitologia dos povos ameríndios com a cultura e pensamento desses povos. Segundo S. Hugh-Jones, fontes de qualidade duvidosa informavam a extensa discussão etnográfica que havia nas *Mythologiques*. Mencionada apenas de passagem no trabalho de Lévi-Strauss, que enfocou mais a cultura indígena do Brasil Central, a região do Uaupés apresentava-se como o *locus* ideal para a realização desse “teste”. Interesses fundamentais aos desenvolvimentos teóricos de Leach, que se davam entre o funcionalismo e o estruturalismo, podem ser identificados nos enfoques dos antropólogos.

Se o trabalho de Stephen aborda principalmente a vida ritual e a mitologia barasana, a pesquisa de Christine debruça-se sobre as formas de classificação e a estrutura social. Já a ênfase de Silverwood-Cope coloca-se sobre a adaptação ecológica, tema que na obra de Leach coloca-se em suas reflexões sobre os efeitos das “[...] environmental and ecological conditions on the life of local communities”. (Laidlaw; Hugh-Jones, 2000, p. 2)<sup>13</sup>

## 5 Stephen Hugh-Jones e Christine Hugh-Jones

O foco da pesquisa de S. Hugh-Jones (1979) incide sobre o complexo ritual do Jurupari entre os Barasana, povo falante de Tukano que habita a região do Uaupés. De seu ponto de vista, é através dos rituais que os sistemas mitológicos adquirem significado enquanto força ativa e princípio de organização do dia a dia desses povos (S. Hugh-Jones, 1979, p. 3). O autor propunha uma abordagem que integrasse a análise estrutural do mito ao estudo da religião e da cosmologia para construir uma interpretação unificada do pensamento religioso dessa sociedade (S. Hugh-Jones, 1979, p. 4). A pesquisa busca tomar como referência outros rituais e *corpus* de mitos para mostrar como o

ritual realiza uma mediação entre o pensamento mítico e a ação social. (S. Hugh-Jones, 1979)

Seguindo a regra de análise estrutural do mito levistraussiana, o autor não interpreta os mitos isoladamente, mas busca entendê-los uns em relação aos outros, como *grupos de transformação*. Paralelamente, os ritos Barasana são interpretados como ritos de passagem, na perspectiva de Van Gennep, e são explicitadas as transformações que ocorrem nas mudanças das fases de um rito para o outro. Tomando o processo de iniciação como um todo, os *He rika sôria wi* e os *He wi* revelam uma mesma estrutura básica, compreensível na sequência temporal da passagem de um para o outro (S. Hugh-Jones, 1979, p. 255-256). É possível ver a proximidade da perspectiva de S. Hugh-Jones àquela de Leach (2000, p. 170) quando se toma como referência, por exemplo, o seguinte excerto do artigo “*Ritual*” de 1968:

Most modern anthropologists would agree that culturally defined sets of behaviours can function as language, but not all will accept my view that the term ritual is best used to denote the communicative aspects of behaviour. [...] We do not observe relationships; we observe individuals behaving towards one another in customary, ritually standardized ways and whatever we have to say about social relationships is, in the last analysis, an interpretation of these ‘ritual’ acts. All of us in our private daily lives manipulate the symbols of an intricate behavioural code, and we readily decode the behavioural messages of our associates; this we take for granted.

Inspirada em Leach, a abordagem de S. Hugh-Jones evoca os sentidos do ritual com referência ao que é dito nos mitos como mensagens plenas de padrões estruturais expressas pelas narrativas (S. Hugh-Jones, 1979, p. 255). Os ritos, *He wi* e *He rika sôria wi*, e os mitos sobre a Cobra Grande são reduzidos aos seus elementos estruturais na busca por sentidos estabelecidos através das relações entre ambos. É apenas num plano mais profundo, num nível estrutural que os sentidos se estabelecem entre essas narrativas, as ações rituais e seus símbolos (S. Hugh-Jones, 1979, p. 254). Assim, os mitos do Jurupari e o ritual *He wi* se relacionam à morte e à imortalidade. Há dois

modos de criação que transparecem na relação entre os rituais e os mitos. Por um lado, há a alternância entre a vida e a morte, marca de um modo masculino de criação, em que há a destruição e a sucessão linear e progressiva no tempo. Por outro, há a continuidade da vida através da recolocação, modo feminino de criação que é repetitivo e reversível. Na agricultura, na caça e na pesca os homens destroem a vida numa esfera para recriá-la em outra. Criando a vida por meio de seus corpos na reprodução, praticando a agricultura no plantio e cuidado com as plantas, as mulheres estabelecem a continuidade da vida (S. Hugh-Jones, 1979, p. 250). Oposições entre continuidade e descontinuidade, masculino e feminino, levam à constituição de um modelo de sociedade e natureza marcado pela inter-relação contínua e criativa entre esses dois polos que se revela de modo mais expressivo na vida ritual.

Os estudos de C. Hugh-Jones (1979) e S. Hugh-Jones (1979) podem ser vistos, em muitos sentidos, como complementares. Em *“From the Milk River”*, a antropóloga busca mostrar como a estrutura social, o parentesco, o ciclo de vida, a política, a religião e a economia são integrados tanto ideologicamente quanto no comportamento concreto (C. Hugh-Jones, 1979). Enquanto o trabalho de S. Hugh-Jones (1979) enfoca a relação entre ritos e o sistema mitológico para interpretar de modo unificado o pensamento religioso dessa sociedade e perceber os princípios que organizam o dia a dia dos Barasana, C. Hugh-Jones (1979) enfatiza a estrutura da vida secular e suas relações com outras estruturas como o parentesco, o mito e o ritual.

Contraopondo-se a Goldman, C. Hugh-Jones dirá que busca, em sua análise, as propriedades do modelo de sociedade que fixa, num nível ideal, a organização interna dos grupos. Seu olhar para a estrutura social parte da estrutura dos cinco papéis especializados que correspondem a um modelo indígena que impede a proliferação e confusão de subunidades. Pretende captar a dinâmica revelada pelas mudanças que ocorrem na prática, no lugar de descrever, como Goldman, os traços constantes da estrutura social a partir da observação de grupos existentes (atuais) (C. Hugh-Jones, 1979, p. 14). Coloca-se assim a relação complexa entre o modelo formal e a prática contemporânea,

cuja dinâmica é analisada nas observações sobre as mudanças nas relações entre os grupos (C. Hugh-Jones, 1979). Diferenciando-se de Jackson (1983), C. Hugh-Jones afirma não perceber na língua um fator que distinga os grupos em nível estrutural como o fazem os princípios de exogamia e descendência, apesar de ser a língua um elemento fundamental para a diferenciação dos grupos tukano (C. Hugh-Jones, 1979, p. 16). Seu foco incide sobre as semelhanças mais que sobre as diferenças entre esses grupos. (C. Hugh-Jones, 1979)

A organização social dos Barasana é abordada a partir de sua inter-relação com os conceitos de espaço-tempo, ciclo de vida e vida ritual. Os grupos exogâmicos são vistos como conjuntos de *sibs* organizados através de uma ordem hierárquica que se forma a partir da sequência de nascimentos (“seniority”). A cada *sib* é atribuído, idealmente, além da posição na ordem de nascimento, um dos cinco papéis especializados: Chefe e Servo (papéis político-econômicos recíprocos), dançarino/cantor e xamã (papéis complementares no domínio metafísico/relações rituais), guerreiro (domínio das relações intergrupais). O *Grupo Exogâmico Simples* seria formado por um conjunto de cinco *sibs*, cada um com um papel específico, enquanto o *Grupo Exogâmico Composto* conteria mais de um desses grupos de *sibs* hierarquizados e especializados (C. Hugh-Jones, 1979, p. 20). O modelo dos cinco papéis especializados (chefe, guerreiro, xamã, dançarino/cantor, servo) é tomado como um sistema ideológico que pode ter existido no passado, mas que se relaciona de forma ideal com as organizações sociais e com a prática atuais. Cada papel possui aspectos “externos” e “internos”, sendo que o aspecto “externo” representa maior proximidade e segurança na relação com grupos externos. (C. Hugh-Jones, 1979, p. 75)

Uma das funções atuais desse sistema seria a de criar unidade dentro dos Grupos Exogâmicos, já que fornecem um modelo de coesão (C. Hugh-Jones, 1979, p. 27). As analogias percebidas entre as cinco diferentes fases na vida de um indivíduo dentro de um grupo de descendência, e o sistema de papéis especializados como modelo para o funcionamento interno dos Grupos Exogâmicos permitem a C. Hugh-Jones pensar os modos de comunicação com os grupos externos. A agressão metafísica, as guerras e as trocas de convites a rituais

são vistos como modos de comunicação entre grupos e estão associados aos papéis hierarquicamente organizados do xamã, do guerreiro e dos dançarinos/cantores (C. Hugh-Jones, 1979, p. 72). Relações baseadas em princípios de igualdade são percebidas pela autora apenas no âmbito de um sistema uaupesiano em relações diádicas entre Grupos Exogâmicos, já que, de seu ponto de vista, a manutenção das relações internas de interdependência entre os *sibs* são baseadas em relações hierárquicas que distinguem os *sibs* internamente e geram a diferenciação entre os Grupos Exogâmicos (C. Hugh-Jones, 1979, p. 276). O grupo de descendência local, regulado pela estrutura do grupo exogâmico mais amplo, estaria relacionado à manutenção física da população e daí a importância da relação entre as esferas da organização social, o ciclo de vida e a vida ritual para que esses princípios se façam presentes na maloca e no indivíduo. (C. Hugh-Jones, 1979, p. 277)

Ao analisar os conceitos de espaço-tempo, C. Hugh-Jones (1979) delinea um modelo onde natureza e sociedade se produzem mutuamente. Para os Barasana, o passado ancestral é conhecido pelo mito e fonte de ordem social e natural, sendo o xamanismo e o ritual as formas de conectar o presente e o passado (C. Hugh-Jones, 1979, p. 235). O universo, a maloca, o corpo da anaconda (com a divisão em papéis de especialistas), o corpo humano e o útero constituiriam as estruturas espaciais que geram as relações entre o mundo concreto e o mundo ancestral (C. Hugh-Jones, 1979). Seriam os rituais que operariam a relação entre mito, estrutura social e ação concreta gerando a congruência necessária entre o sistema de espaço/tempo, tornando a maloca uma miniatura da sociedade total, do universo. Ao operar os poderes ancestrais, o ritual operaria o controle necessário para gerar unidade à existência do indivíduo. Nesse sentido, a antropóloga demonstra grande sintonia com a perspectiva de Leach para quem o ritual serviria para reafirmar o que são as diferenças de *status* para um grupo social (Leach, 2000, p. 170). Nas palavras de Leach (2000, p. 171):

Our day-to-day relationships depend upon a mutual knowledge and mutual acceptance of the fact that at any particular time any two individuals occupy different positions in a highly complex network of status relationships; ritual serves to reaffirm what these status

diferences are. [...] Thus, ritual serves to remind the congregation just where each member stands in relation to every other and in relation to a larger system.

Para C. Hugh-Jones (1979), consciência e controle do corpo na relação com outros participantes e a ênfase no pertencimento à estrutura social e a um mundo ancestral seriam princípios fundamentais à vida ritual barasana. Seu foco incide sobre a similaridade fundamental que há no modo como se dá a organização dos processos que mantêm e desenvolvem o corpo físico e o corpo social (C. Hugh-Jones, 1979, p. 278), constituindo através da descrição dessas inter-relações seu modelo analítico de sociedade e natureza. O princípio analítico de integração das esferas para buscar uma interpretação total da sociedade Barasana faz com que ao descrever as relações entre as esferas secular, doméstica e ritual as unidades não surjam isoladamente.

## 6 Peter Silverwood-Cope

Em outubro de 1968, Peter Silverwood-Cope viajou com Stephen e Christine Hugh-Jones para o rio Pirá-Paraná em busca de grupos Maku na região. O fato de não ter encontrado tais grupos nessa região fez com que o antropólogo consolidasse sua pesquisa com um único grupo regional Bara-Maku (*Kákwa*) da região do rio Macu-Paraná e realizasse o primeiro estudo etnográfico detalhado sobre um grupo Maku. Sua pesquisa apresentou uma descrição detalhada do modo de vida baseado nos Bara-Maku e, genericamente, dos Maku, abrangendo as atividades de caça, pesca, coleta e colheita, os conhecimentos sobre o ecossistema, técnicas produtivas, sistema de clãs, as regras de casamento e as categorias de parentesco.

Em seu trabalho, a observação da mobilidade passa pelo entendimento da *adaptação ecológica* dos Bara-Maku. A caça configura-se como a atividade produtiva mais relevante para entender a relação que os grupos têm em diferentes momentos com a aldeia, os acampamentos e a aldeia dos “índios do rio” (Silverwood-Cope, 1990[1972], p. 37). A partir da observação da sociabilidade nesses espaços, o etnógrafo descreveu os movimentos dos Bara-Maku em termos de padrões de mobilidade. O “ritmo” e o “sentimento de interação humana” variam

de acordo com esses ambientes importantes para o comportamento social e econômico (Silverwood-Cope, 1990[1972], p. 39). O foco dado na *adaptação ecológica* parecia fazer ressoarem preocupações teóricas de Leach como, por exemplo, a questão da transmissão de dois modos de informação entre as gerações, as “informações sobre a natureza” – topografia, clima, uso e perigos de animais, plantas, seres inanimados, etc. – e as “informações sobre a sociedade” – relações interpessoais, a natureza dos grupos sociais, as regras e restrições que tornam a vida social possível, etc. (Leach, 2000, p. 162). Enfatizando a relação entre esses dois modos de informação, Silverwood-Cope procurou mostrar os padrões de caça através de descrições das técnicas utilizadas, de dados quantitativos sobre a produção e consumo, de formas de classificação e concepções cosmológicas sobre a atividade. Foi também estabelecido o contraste entre a adaptação ecológica Tukano e Maku, e descritas as relações de trocas sociais e econômicas entre ambos.

Justifica-se assim a diferença de natureza entre seu trabalho, que parte de uma pesquisa de campo sistemática, e a “pouca informação publicada sobre os Maku” anteriormente (Silverwood-Cope, 1990, p. 11). Ao revelar a complexidade dessas formas de sociabilidade e de mobilidade dos Bara-Maku, seu trabalho apresentou uma crítica etnográfica ao modo de entendimento dos povos Maku como “caçadores e coletores nômades muito primitivos” que estariam sendo assimilados e escravizados por povos agricultores invasores, contrapondo-se, por exemplo, à visão difundida pelos trabalhos de Koch-Grümbert (1906/2010) e pelo artigo de Alfred Métraux (1963) no *Handbook of South American Indians*.

Para a análise das organizações sociais, sua pesquisa toma como referência as distinções elaboradas tanto por Lévi-Strauss quanto por Leach de modelos mecânicos e modelos estatísticos de sociedade (Silverwood-Cope, 1990[1972], p. 6). Silverwood-Cope (1990[1972]) apresentou a organização social como constituída por grupos de descendência patrilinear (clãs) que mantém relações de *sibling* (entre dois clãs) e cujo sistema de parentesco pode ser descrito como Dravidiano. No que diz respeito à apresentação e à análise da cosmologia Maku, torna-se especialmente inspiradora a abordagem de Lévi-Strauss em “*The Story of Asdiwal*”. Entretanto, pretendendo interpretar e justapor

as premissas cosmológicas contidas nos mitos, e não apenas isolar diferentes níveis para traçar os aspectos lógicos comuns, Silverwood-Cope ressalta a diferença de seu trabalho com o de Lévi-Strauss, por pretender focar não apenas os mitos, mas a cosmologia que eles ajudam a iluminar (Silverwood-Cope, 1990[1972], p. 202). Entendendo cosmologia como um sistema cultural de concepção “dos fenômenos do Espaço, Tempo, Energia e Vida” (Silverwood-Cope, 1990[1972], p. 134), o trabalho apresenta um conjunto de mitos que conta as histórias do criador *Idn Kamni*, as descrições sobre as energias vitais *tsa’litna* (calor) e *kama’litna* (frio), sobre os diferentes seres como monstros, papafigos, sanhaços, gaviões, povo da fruta umari, entre outros, e sobre os diferentes espaços onde habitam esses seres e os humanos, procurando sempre relacionar as concepções cosmológicas aos comportamentos.

Diferenciando sua análise do que se percebe ser uma tendência estruturalista a sempre reduzir todas as oposições encontradas a um sistema dicotômico ou dualista total, Silverwood-Cope enfatiza a importância do significado das gradações entre opostos extremos como, por exemplo, a oposição *tsa’litna* (calor) e *kama’litna* (frio), procurando revelar a integração dinâmica que deve haver como princípio de constituição de um modelo de Cosmologia Maku.

## 7 Olhares Cruzados

Em 1976, por ocasião do *XLII Congresso Internacional dos Americanistas*, Goldman, Stephen e Christine Hugh-Jones apresentam comunicações numa sessão organizada por Joana Overing intitulada: “*Social Time and Social Space*”. A partir de seus materiais de campo, os três antropólogos enfocam o problema da descendência analisando a organização social e a vida ritual dos Cubeo e Barasana<sup>14</sup>.

Para Goldman, haveria uma inter-relação profunda entre os conceitos de espaço, de tempo e de descendência que se estabelece através de um processo generativo e vital expresso pela “teoria nativa da descendência”. A visão de Leach, que entende a descendência como um princípio de transmissão de direitos entre gerações, e a perspectiva de Lévi-Strauss que, para Goldman, ignora a descendência, são



vistas como insuficientes por serem excessivamente idealistas e sem tangibilidade sociológica. Contrapondo-se a essas perspectivas, ele procura mostrar como os Cubeo conectam o tempo passado e o tempo presente da ação, organização social e ritual<sup>15</sup>.

Christine Hugh-Jones, por sua vez, discute a estrutura de descendência dos grupos sociais a partir da organização conceitual do sistema de espaço-tempo. Descreve como a inter-relação entre as linhas de descendência masculina e feminina, o ciclo vital e a transmissão de bens espirituais são processos que criam os indivíduos e grupos barasana<sup>16</sup>. Já Stephen Hugh-Jones procura demonstrar como as concepções barasana sobre a descendência podem ser observadas através do contexto ritual do Jurupari quando a maloca torna-se o mundo e os participantes, os representantes do todo social. Analisando a sequência ritual e o mito do jurupari, o pesquisador conclui que no ritual há uma reversão temporal que permite aos vivos serem adotados pelos mortos.

De modo interessante, há claramente uma contraposição de Goldman a Leach e a Lévi-Strauss. Ao mesmo tempo, há uma articulação das bases teóricas de Leach e Lévi-Strauss nos trabalhos de Christine e Stephen Hugh-Jones. Apesar dessa diferença de referenciais e de perspectivas, as comunicações dos três antropólogos revelam grande sintonia no que diz respeito ao modo como se compõem as análises. Como propõe Goldman, as três comunicações valorizam as “teorias nativas da descendência” e explicitam como os grupos e as pessoas constituem-se através de processos vitais e generativos que diferenciam *sibs*, grupos etários, territórios, homens e mulheres a partir de sistemas espaço-temporais fundamentais.

Retomando as obras monográficas desses autores, é possível perceber que Christine e Stephen Hugh Jones se aproximam e dialogam com o modelo proposto por Goldman para a descrição das relações hierárquicas. No caso de Goldman, a hierarquia parece ser entendida tal como a imagem do *Handbook of South American Indians* (1946-1950), o que fica evidente na dificuldade desse autor em adequar os pressupostos dessa noção aos dados etnográficos. Goldman procura resolver a aparente contradição entre hierarquia e igualitarismo dizendo tratar-se, no Noroeste Amazônico, de sociedades igualitárias atravessadas por uma “fraca hierarquia”, ou por “formas elementares de hierarquia”,

“pré-políticas” e “pré-econômicas” (Goldman, 1993, p. 138), que se manifestariam privilegiadamente em contextos rituais. Christine Hugh-Jones (1979) e Stephen Hugh-Jones (1979), por sua vez, falam do sistema de papéis especialistas hierarquizados e, na mesma linha de Goldman, também afirmam os contextos rituais como momentos próprios de atualização das relações hierárquicas, sendo tais relações sem muita importância na vida cotidiana.

Note-se que essa tese de Christine Hugh-Jones (1979) sobre o sistema de papéis especialistas, também sustentada por Stephen Hugh-Jones (1976; 1979), remete a um debate acerca do lugar da hierarquia nas formações sociais do passado. Assim, pesquisadores como Kaj Århem (1991) e Stephen Hugh-Jones (1993) sustentam que essas formações do passado seriam fortemente hierarquizadas, sendo que hoje se estaria diante de resquícios de uma configuração hierárquica própria das formulações sociais complexas anteriores à conquista europeia; Stephen Hugh-Jones, por exemplo, “[...] alude às teses de Roosevelt sobre a várzea para sugerir que as hierarquias clônicas do Noroeste Amazônico teriam tido, no passado, uma significação socioeconômica muito mais marcada” (Viveiros de Castro, 2002, p. 329). Desse modo, o debate comparativo sobre os temas da descendência, do tempo-espaço, e dos processos generativos e vitais constituem um campo de diálogo fértil, um ângulo de observação comum proporcionado mais pelos percursos etnográficos e pela “valorização das teorias nativas”, do que pelas perspectivas teóricas adotadas ou refutadas por esses antropólogos.

## 8 Diálogos Uaupesianos

Em suas monografias, S. Hugh-Jones, C. Hugh-Jones e Silverwood-Cope constituem modos específicos de se apropriar do estruturalismo de Lévi-Strauss e também de interpretar essas sociedades indígenas do Uaupés. Refletindo sobre o modo como, em seu trabalho e no de C. Hugh-Jones, ambos tentam articular as perspectivas de Lévi-Strauss e Leach, S. Hugh-Jones (2008, p. 22) dirá o seguinte:

[...] Christine’s book might be seen as an extended essay on the *La Pensée sauvage* – it’s all about classification.

But it is also “classification on a bicycle” – she is not dealing with the relations between static structures, but rather with the relations between dynamic processes or structures in motion. And if my own work is about the very Lévi-Straussian theme of Amerindian mythology, it is also about ritual. And here is the Leachian influence coming back in: I’m dealing with the relation between myth and ritual, and Christine is looking more at layer analogies between processes than at systems of analogous classification. Or, to put this in other words, while I deal with explicit ritual, Christine is dealing with what Lévi-Strauss has called implicit ritual.

No caso de Silverwood-Cope, a apropriação crítica da análise estrutural levistraussiana dos mitos permite a boa descrição da cosmologia, mas é possível notar uma articulação mínima entre a cosmologia e as demais esferas sociais, talvez devido à impossibilidade de observação da vida ritual. De modo distinto, o trabalho de S. Hugh-Jones parte do suposto de que é através dos rituais que os sistemas mitológicos adquirem significado e revelam princípios de organização social. No que diz respeito a um entendimento total da sociedade barasana, articulando cosmologia e vida ritual, seu estudo descreve um modelo de sociedade e natureza marcado pela relação contínua entre os processos criativos masculino (Social) e feminino (Natural) que permite a manutenção e continuidade da sociedade barasana. Articulando as esferas à estrutura social, ao parentesco, ao ciclo de vida, à política e à economia, integrados tanto no modelo ideológico quanto no comportamento concreto, C. Hugh-Jones efetiva a apreensão da estrutura dos sistemas de comunicação dos Barasana e constitui um modelo de sociedade e de natureza que revela as analogias e a fabricação contínua que se dá através das interações entre o corpo físico e o corpo social.

Observar as relações entre mito e rito, as analogias entre processos e enfatizar gradações entre oposições duais podem ser vistos como procedimentos que resultam dessa incorporação crítica de uma perspectiva levistraussiana e que constitui uma espécie de *olhar leachiano* através do qual se realizam densas etnografias sobre as sociedades do Uaupés colombiano. Entre Frazer e Malinowski, Lévi-Strauss e Leach, esses pesquisadores iniciavam suas experiências etnográficas

no Noroeste Amazônico e pode-se dizer que o “teste” não era apenas a aplicação da teoria e do método do estruturalismo levistraussiano, mas a positivação etnográfica da leitura britânica desse estruturalismo, mais afeito à busca pela estrutura do sistema de comunicação onde as trocas são adaptadas a circunstâncias políticas e econômicas.

Reconstituindo algumas interpretações sobre as organizações sociais do Uaupés e Pirá-paraná, Cabalzar (2009, p. 26) aponta que as diferenças entre as sistematizações propostas pelos autores resultam tanto das distintas situações etnográficas pesquisadas quanto das variantes das estruturas sociais dessa região<sup>17</sup>. No mesmo sentido, Chernela (1993[1983]) remarca que o fato de Goldman ter trabalhado com grupos de baixo ranque faria com que suas análises enfatizassem princípios de autonomia e igualdade como marcantes aos grupos sociais do Uaupés<sup>18</sup>. A autora afirma que os trabalhos posteriores de Goldman com grupos de mais alto ranque o aproximariam de C. Hugh-Jones que, ao apresentar um modelo de grupos de descendência subdivididos em unidades locais de *sibs* interdependentes funcionalmente através de papéis especializados, mostraria a força da assimetria gerada pelo sistema de ranques para entender a estrutura social. (Chernela, 1993[1983], p. 22)

Segundo Descola, é, sobretudo, nas antropologias francesa e inglesa que a Cultura continuará a existir como um atributo distintivo da humanidade, havendo a convicção na possibilidade de descobrir regularidades e invariabilidades que podem demonstrar a unicidade da cultura face à multiplicidade de suas manifestações singulares. Essa noção de cultura no singular tiraria, para o autor, em sua oposição à natureza muito de sua fecundidade (2005, p. 114). A apropriação do estruturalismo levistraussiano pelos antropólogos britânicos, ao partirem de um conceito de sociedade tomado como sistema estruturado de comunicação, cujas mensagens trocadas adequam-se às circunstâncias políticas e econômicas, gera reconstituições da realidade baseadas em modelos de coesão social, traçados a partir das relações entre: ritual e mito (S. Hugh-Jones); organização social, vida ritual, cosmologia, ciclo vital e concepções de espaço-tempo (C. Hugh-Jones); e adaptação ecológica, cosmologia, concepções de espaço-tempo e energia

(Silverwood-Cope). É a partir da detalhada descrição das instituições de grupos específicos e do estabelecimento dos princípios estruturais e funcionais que os integram que se torna possível, ampliando o grau da análise, delinear um *sistema uaupesiano*. Refletindo sobre seu trabalho e sobre a influência de Lévi-Strauss na antropologia britânica, S. Hugh-Jones (2008, p. 24) dirá que:

We apply Lévi-Strauss' insights on classification, history and myth to our fieldwork data, and we use our fieldwork data to refine the Lévi-Straussian project, but we still tend to be monographic and single-society in our approaches. This is both a strength and a weakness.

De diferentes formas, os princípios hierárquicos são a chave para entender as propriedades de modelos de natureza e sociedade que fixam, em níveis ideais, a organização interna dos grupos, a vida ritual e relações econômicas e ecológicas. Pode-se dizer que seus enfoques *incidem mais sobre as semelhanças internas dos grupos estudados* (Tukano e Maku) que sobre as diferenças. Regularidades e invariabilidades permitiriam, ao longo do tempo, demonstrar a unicidade de um *sistema uaupesiano*.

Nos trabalhos de Goldman é possível perceber como as bases de um *olhar boasiano* se fazem presentes em seus modos de delinear um modelo de sociedade e natureza para os Cubeo. É a partir das diferenças de traços culturais e da organização social que Goldman constitui um *ethos* Cubeo que tem na harmonização e busca pelo equilíbrio através de determinadas atividades sociais seus elementos fundamentais. Para Goldman, o foco da pesquisa deveria estar não em explicar funcionalmente a estrutura social, mas sim em mostrar o *estilo de vida*, os *princípios* e *padrões* fundamentais do comportamento social e a estrutura das relações sociais.

Dessa forma, em "*The Cubeo*" Goldman busca mais o *entendimento de diferenças internas ao grupo estudado que as semelhanças a outros grupos*, num sentido oposto àquele de S. Hugh-Jones e de C. Hugh-Jones e de Silverwood-Cope, estando mais atento à flexibilidade e à relacionalidade das relações e unidades sociais. Dessa perspectiva resultam modelos abertos que dão grande ênfase aos contextos de interação

entre indivíduos e grupos sociais (*sibs*) caracterizados como de maior simetria, igualdade e autonomia que, atenuando conflitos, delineiam os contornos de cada grupo (*ethos*), e geram a continuidade em contextos de dinâmica e mudança acentuados. Mas como visto, apesar da ênfase dada inicialmente por Goldman às dimensões igualitárias da sociabilidade cubeo (1963), seus trabalhos vão mostrando cada vez mais em que medida a sociabilidade é “atravessada pela hierarquia” (1976) (2004), aproximando-o, pela análise de dados, das perspectivas de Christine e Stephen Hugh-Jones.

Observando detalhadamente instituições e esferas sociais, os antropólogos ingleses traçam modelos que visam a explicitar a integração e princípios estruturais que viabilizam a coesão e a manutenção social. Enfatizando nas semelhanças internas dos grupos estudados as sequências e gradações de unidades, elementos, fases que são organizadas através de princípios hierárquicos e estruturais, esses pesquisadores vão delineando os contornos de um sistema uaupesiano. De modo diferente, as análises de Goldman enfatizam as diferenças internas dos grupos estudados, os princípios simétricos que dão sentido aos contextos de interação, às relações diádicas e aos princípios de fluidez e relacionalidade que se fazem fundamentais para entender o *ethos* Cubeo<sup>19</sup>.

## 9 Considerações Finais

Pensando com Descola (2005), esse *olhar boasiano* latente na obra de Goldman descreve as especificidades da cultura Cubeo, gerando modelos mais flexíveis em que a sociedade é apreendida nas especificidades de seus traços e em sua adaptação a uma natureza. Senos assim, o *olhar leachiano*, ao buscar as regularidades e invariabilidades desses grupos, estaria mais apto a demonstrar, através dessas observações etnográficas das interações complexas entre a ordem social e natural, a unicidade de um *sistema uaupesiano*, mais afeito a comparações com outras realidades etnográficas e ao estabelecimento de análises comparativas do que a análise tipológica baseada traços culturais boasiana.

Esboçou-se aqui um quadro preliminar das bases teórico-metodológicas que balizaram algumas etnografias pioneiras conduzidas

na região do Uaupés nos anos 1960 e 1970. Contudo, como o leitor familiarizado com a literatura da região terá notado, outros pesquisadores foram deixados de lado, como os importantes trabalhos de Reichel-Dolmatoff e Thomas Langdon. Explorar as bases conceituais mobilizadas por esses antropólogos e examinar de que modo suas orientações teóricas implicaram em olhares e modos particulares de tratar o material etnográfico coletado constituem empresa de não pouco interesse, que certamente pode trazer contribuições para as pesquisas etnológicas na região. Eis, portanto, toda uma região de pesquisas que, aqui apenas esboçada, ainda aguarda análises minuciosas.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social do PPGAS/USP. Av. Prof. Mello de Moraes, 1235, Bloco C, apto 210. Butantã, São Paulo, SP. CEP: 05508030.
- <sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social do PPGAS/USP. Rua José Maria Lisboa, 711, apto. 23. Jd. Paulista, São Paulo, SP. CEP: 01423001.
- <sup>3</sup> Por focar as primeiras pesquisas de campo intensivas, não se contemplou uma análise do trabalho pioneiro de Reichel-Dolmatoff (1968). Fruto de entrevistas realizadas com um único interlocutor na cidade de Bogotá, as particularidades da metodologia e das circunstâncias para a elaboração de “*Desana*” exigem uma apreciação específica da obra para que suas bases epistemológicas sejam passíveis de comparação.
- <sup>4</sup> Infelizmente não se localizou as referências bibliográficas de tais autores; confiou-se, portanto, na informação de Goldman.
- <sup>5</sup> Adotou-se, para efeito de simplificação, a grafia tal como é usada para esse rio no Brasil: Uaupés.
- <sup>6</sup> Segundo Wilson (2004, p. xix): “Irving Goldman was the last surviving student of Franz Boas, and he was, for a time, his research assistant”.
- <sup>7</sup> No ensaio introdutório que Wilson propõe para o livro “*Cubeo hehenewa*” (2004) de Goldman, ele apresenta um exame da apropriação das ideias de Boas nos trabalhos de Goldman, “how the ‘ancestral’ spirit of Boas was reproduced in bodily form in these works” (p. xx). Wilson analisa o que considera como as quatro obras maiores de Goldman: “*First Men*” (1955), “*The Cubeo*” (1963), “*Ancient Polynesian Society*” (1970), e “*The Mouth of Heaven*” (1975). Entretanto, Wilson dedica poucas linhas a monografia de 1963, e se demora mais na obra póstuma de 2004. Nossa proposta consiste em justamente fazer um exame mais minucioso da monografia de 1963 e sua relação com algumas das ideias de Boas. Para uma reflexão mais aprofundada sobre a influência do pensamento de Franz Boas as obras de Goldman seria fundamental a análise da monografia *The Mouth of Heaven* (1975), pois nela há um interessante diálogo entre ambos os autores. Interessados, nesse momento, na comparação das abordagens de diferentes pesquisadores das populações da região do Uaupés, deixaremos para outra oportunidade a comparação mais exaustiva dos referenciais teóricos e diálogos estabelecidos por Goldman através do conjunto de sua obra.

- <sup>8</sup> Goldman retornou aos Cubeo em 1968 para retomar suas investigações junto a esse grupo no Noroeste Amazônico; essa segunda visita resultou no livro, organizado e publicado postumamente, “*Cubeo Hehénewa Religious Thought*” (2004).
- <sup>9</sup> O próprio título do capítulo final de conclusão, “*Principles and Patterns*”, já nos remete à influência de Ruth Benedict, influência essa que se comentará mais adiante.
- <sup>10</sup> Esses princípios dizem respeito à estrutura da organização social cubeo; explicá-los exigiria longas investidas nos dados etnográficos sobre esse tema. Dado que nosso foco no presente ensaio reside antes no *tratamento dado aos dados* que nos *dados propriamente ditos*, remetemos o leitor interessado à leitura da monografia de Goldman.
- <sup>11</sup> “Despite these self-evident scientific shortcomings there can be little doubt that the presentation or analysis of a culture without the concept of pattern must involve a serious distortion of reality”. (Goldman, 1963, p. 283)
- <sup>12</sup> Pensando com Kuper quando o autor sustenta que “In later years, Boas did occasionally suggest that cultures should be studied as working systems, as organic wholes, and that a synchronic, functionalist approach might even represent an alternative to historical understanding. However, he did not emphasize this option until 1930, and the most plausible supposition is that he was provoked into very late and uncharacteristic shift by the brilliant young students who came to him in the 1920s, Edward Sapir, Ruth Benedict, and Margaret Mead, a close circle of friends (and lovers) for whom Sapir was the intellectual mentor.” (1999, p. 62), supôs-se que o trabalho de Goldman seja muito influenciado por essa convergência de perspectivas culturalista e estrutural funcionalista que marca tanto Boas quanto seus alunos.
- <sup>13</sup> Cientes, como alertam Laidlaw e Hugh-Jones (2000), do “mal entendido” que reduz a obra de Leach a um mero introdutor do estruturalismo na Inglaterra, buscamos, no presente trabalho, comparar a perspectiva culturalista boasiana presente no trabalho de Goldman aos desdobramentos obtidos com as pesquisas intensivas de campo dos antropólogos britânicos que se estabeleceram a partir da peculiar e fértil convergência entre aspectos do estruturalismo e do funcionalismo promovidas pelas críticas e elaborações teóricas de Leach.
- <sup>14</sup> O objetivo da sessão estava em entender a viabilidade do conceito de descendência para analisar sociedades, nos termos de Overing (1977, p. 9), “contra a profundidade temporal”, baseadas na transmissão paralela e diferencial entre homens e mulheres, e com modos e relação e composição de grupos muito diferentes dos modelos africanistas.
- <sup>14</sup> Nesse sentido, Goldman mostra haver três categorias cronológicas que relacionam descendência e tempo para os Cubeo. A primeira delas seria um “tempo épico”, marcado pela descendência de seres arcaicos que levam ao acesso e habitação diferencial dos territórios. A segunda seria um “tempo cíclico” associado às linhagens de descendência e ao reconhecimento genealógico. Por fim, haveriam os intervalos no ciclo de vida individual marcados pelos graus etários e ritos de maturação pessoal (1977). A diferenciação dos *sibs* através da segmentação da Cobra-Canoa ancestral que origina as linhagens, o ranqueamento, o acesso a dados territórios e os *status* ritual; o ritual do Jurupari, fundamental para a iniciação masculina e diferenciação de homens e mulheres; e passagens de mitos sobre a anaconda, a avó ancestral, sobre Kuwai, o criador, e sobre o as flautas jurupari.
- <sup>16</sup> Tomando como referência o espaço da maloca, a antropóloga apresenta analogias entre as representações sobre o interior da maloca, sobre o corpo humano e sobre a sexualidade. Suas conclusões apontam para a complementaridade entre os modos



feminino (natural e físico) e masculino (espiritual e social) de criatividade que se expressam através de um ciclo feminino destrutivo e generativo, e uma continuidade masculina cumulativa e irreversível. Esses princípios estariam na base da ideologia patrilinear dominante que atribui valor positivo à criatividade masculina em detrimento da feminina.

- <sup>17</sup> O autor aponta que os modelos elaborados por Irving Goldman, Arthur Sorensen, Jean Jackson e Christine Hugh-Jones estariam baseados na teoria da descendência. Distinguem-se dessas abordagens o trabalho de Kaj Århem, por mesclar a teoria da aliança à teoria da descendência, a perspectiva ecológico-econômica de Janet Chernela e o modelo de “Casa” de S. Hugh-Jones.
- <sup>18</sup> Em sua comunicação no XLII Congresso Internacional dos Americanistas o próprio Goldman (1977, p. 193) se expressa consciente quanto à diferença de perspectivas sobre a estrutura social (hierarquia e lateralidade) resultantes de suas observações a partir do trabalho com grupos de alto ou baixo ranque.
- <sup>19</sup> O contraste entre essas duas abordagens busca evidenciar o modo como os referenciais teórico-metodológicos desses pesquisadores nos levam, em seus trabalhos monográficos dos anos de 1960 e de 1970, a enfatizar dados aspectos da vida social para gerar imagens totalizantes seja da cultura de um povo, seja dos sistemas sociais dos povos do Uaupés. Certamente há inúmeros nuances e oscilações nos trabalhos posteriores desses antropólogos, o que faz com que tal contraste não possa ser estendido para o conjunto da obra dos mesmos.

## Referências

ÅRHEM, Kaj. **Makuna social organization**: a study in descent, alliance, and the formation of corporate groups in the North-Western Amazon. Uppsala Studies in Cultural Anthropology. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1981.

\_\_\_\_\_. Los Macuna en la historia cultural del Amazonas. **Buletín Museo del Oro**, n. 30, 1991.

BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura. Lisboa: Livros do Brasil, 1959.

BIDOU, Patrice. **Les fils de l’anaconda celeste (les Tatuyo)**. Paris, Thèse de 3e cycle – Université de Paris IV, 1975.

BOAS, Franz. Os objetivos da pesquisa etnológica. In: STOCKING Jr., G. **Franz Boas**: a formação da antropologia americana (1883-1911). Rio de Janeiro: Contraponto, 2004[1889].

CABALZAR, Aloísio. **Filhos da cobra de pedra**: organização social e trajetórias tuyuka no rio Tiquié (Noroeste Amazônico). São Paulo: UNESP/ISA; Rio de Janeiro/NuTI, 2009.

CHERNELA, Janet. **The Wanano indians of the Brazilian Amazon**: a sense of space. Austin: University of Texas Press, 1993[1983].

COUDREAU, Henri A. La France équinoxiale. **Voyage à travers les Guayanes et l’Amazone**, Paris, v. 2, 1887.

CRAUDERUEFF, Mary. **Register to the Papers of Irving Goldman**.

National Anthropological Archives. Smithsonian Institution, 2008.

DESCOLA, Philippe. **Par-delà Nature et Culture**. Paris: Gallimard, 2005.

GOLDMAN, Irving. Tribes of the Uaupés-Caquetá region. In: STEWARD, J. H. (Ed). **Handbook of South American Indians**, Washington, v. III. Smithsonian Institution, 1948.

\_\_\_\_\_. **The Cubeo**: indians of the Northwest Amazon. Urbana: University of Illinois Press, 1963.

\_\_\_\_\_. Time, Space and Descent: the Cubeo exemple. **Actes du XLII Congrès International des Américanistes**, Paris, v. 2, , p. 175-183, 1976.

\_\_\_\_\_. Reflections of Nature in Vaupés Cultures. Reviews of *From the Milk River* (Christine Hugh-Jones) and *The Palm and the Pleiades* (Stephen Hugh-Jones). **American Ethnologist**, v. 8, p. 383-389, 1981.

\_\_\_\_\_. **Cubeo Hehenewa Religious Thought**: Metaphysics of a Northwestern Amazonian People. New York: Columbia University Press, 2004.

HUGH-JONES, Christine. **Social organization among South American Indians of the Vaupés Area of Colombia**. Cambridge, PHD dissertation, University of Cambridge, 1977a.

\_\_\_\_\_. Skin and Soul. **Actes du XLII Congrès International des Américanistes**. v. 2, Paris, 1977b.

\_\_\_\_\_. **From the Milk River**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

HUGH-JONES, Stephen. **A Social Anthropological Study of the Barasana Indians of the Vaupés Area of Colombia**. Cambridge: PHD dissertation, University of Cambridge, 1973.

\_\_\_\_\_. **Like the leaves on the forest floor**. Actes du XLII Congrès International des Américanistes, Paris, v. 2, 1977.

\_\_\_\_\_. **The Palm and the Pleiades**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. Afterword. In: GOLDMAN, Irving. **Cubeo Hehenewa Religious Thought**: Metaphysics of a Northwestern Amazonian People. New York: Columbia University Press, 2004, p. 405-412.

\_\_\_\_\_. **A courtship but not much of a marriage**. Lévi-Strauss and British Americanist Anthropology. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, Tome 94-2, Au siège de la Société Musée Du Quai Branly, Paris, 2008.

HUGH-JONES, Stephen; LAIDLAW, James. Introduction. *In*: LEACH, Edmund. **The essential Edmund Leach**. London: Yale University Press, 2000.

JACOPIN, Pierre-Yves. **La parole generative. Neuchâtel** – Thèse, Université de Neuchâtel. 392 fls, 1981.

JACKSON, Jean. **The fish people**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. Irving Goldman (1911-2002): a brief Remembrance. *Tipití: The Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 1, n. 1, p. 155-159, 2003.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Dois anos entre os indígenas. Manaus, EDUA/FSDB, 2005[1909].

\_\_\_\_\_. Die Maku. *In*: BECERRA, G. (Org). **Viviendo en el bosque**. Medellín: Universidad Nacional de Colombia, [1906] 2010.

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

\_\_\_\_\_. **Culture**: the anthropologists account. Cambridge, Massachussets/ London, England: Harvard University Press, 1999.

LANGDON, Thomas A. **Food restrictions in the medical system of the Barasana and Taiwano Indians of the colombian Northwest Amazon**. Tulane University, Xerox University Microfilm, Michigan, 1975.

LAIDLAW, James; HUGH-JONES, Stephen. Introduction. *In*: LEACH, Edmund. **The essential Edmund Leach**. London, Yale University Press, 2000.

LEACH, Edmund. **As idéias de Levi-Strauss**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

\_\_\_\_\_. **The essential Edmund Leach**. London, Yale University Press, 2000.

MÉTRAUX, A. The hunting and gathering tribes of the Rio Negro Basin. *In*: STEWARD, J. **Handbook of South American Indians**. New York: Cooper Square Publishers, 1963.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Reconhecimento dos Rios Içana, Ayeri, Uaupés**: Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre. Brasília, DE, FUNAI, 1927.

OVERING, Joana. Orientation for paper topics. *In*: ACTES DU XLII CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMÉRICANISTES. Paris, v. 2, 1977. **Anais...** Paris, 1977.

\_\_\_\_\_. A estética da produção: o senso de comunidade entre os Cubeo e os Piaroa. **Revista de Antropologia**, USP, São Paulo, n. 34, p. 7-33, 1991.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. A brief report on urgent ethnological research in the Vaupés area of Colombia, South America. *In*: BULLETIN OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE ON URGENT ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL RESEARCH, v. 9, p. 53-61, 1967.

\_\_\_\_\_. **Desana**: simbolismo de los indios Tukano del Vaupés. Bogotá: Universidad de los Andes, 1968.

RICE, Alexander H. The River Vaupés. **Geographical Journal**, v. 25, pt. 5, 1910.

\_\_\_\_\_. Further explorations in the North-West Amazon Basin, **Geographical Journal**, v. 44, 1914.

SILVERWOOD-COPE, Peter. **A contribution to the ethnography of the colombian Maku**. 326 fls. Cambridge: Dissertation (PhD), University of Cambridge, 1972.

\_\_\_\_\_. **Os Maku**: povo caçador do noroeste da Amazônia. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1990.

SHENN, Jody; SCHWARTZSTEIN, Judith. Remembering Irving Goldman. 2002. Disponível em: <<http://www.sl.c.edu/news-events/archived/2001-2002/2002-04-15.html>>. Acesso em: 18 maio 2002.

SPRUCE, Richard. **Notes of a Botanist on the Amazon and Andes**. London: Hard Press, 1908. (2. v.)

STRADELLI, Ermmano. **Leggenda dell'jurupary**. Bolletino della Società Geografica Italiana, 3d. ser. 3, 1890.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WALLACE, Alfred R. **A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro**. London, Ward, Lock & Co, 1905[1853].

WHIFFEN, Thomas. **The Northwest Amazons**. London: Costable, 1915.

WILSON, Peter J. 2004. Editor's introduction: Irving Goldman and the spirit of Franz Boas. *In*: GOLDMAN, I. **Cubeo Hehenewa Religious Thought**: Metaphysics of a Northwestern Amazonian People. New York: Columbia University Press, 2004. p. xix-xlv.

Recebido em 02/12/2013

Aceito em 08/09/2014